

Flor de maio

Poemas

Roberto Zwetsch

Flor de maio
Poemas



NHANDUTIEDITORA

Textos: © Roberto Zwetsch 2014
 Conjunto desta edição: © Nhanduti Editora 2014

Revisão e diagramação: Nhanduti Editora
 Capa: Nhanduti Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Zwetsch, Roberto
 Flor de maio. Poemas. / Roberto Zwetsch. – São Bernardo do Campo : Nhanduti Editora, 2014, 240p.

ISBN 978-85-60990-21-4

1. Experiência religiosa cristã. 2. Orações e Meditações.
 3. Igreja e problemas sociais.
- I. Zwetsch, Roberto. II. Título

CDD-248.2; 242.2; 261.1

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|-------------------------------|--|
| 1. Experiência cristã | : Experiência religiosa 248.2 |
| 2. Literatura edificante | : Orações e Meditações para a vida cotidiana 242.2 |
| 3. Igreja e problemas sociais | : Papel das Igrejas cristãs na sociedade 261.1 |

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos
 09640-060 São Bernardo do Campo – SP, Brasil
 11-4368.2035 nhanduti@yahoo.es / www.nhanduti.com

*... julgo que a tarefa do poeta cristão atual
consiste em “enlouquecer” a tradição...*

Armando Trevisan
A sombra luminosa, p. 72

Para Ivanir, Maria Cláudia, Iára,
Ronaldo, Lilian, Celina e
Rigoberto (*in memoriam*).
Para Dom Pedro Casaldáliga.
Para Lori, Pama,
Bino e Daniel (*in memoriam*),

Com amor

Roberto Zwetsch

Índice

Abertura

Prefácio

Vera Cristina Weissheimer

Flor de maio

Miudezas 1

Miudezas 2

Cantorias

Peregrinações

Vertigens

Amores

Vigília

Salms para tempos
de incerteza (1994)

Posfácio

Armando Trevisan

Sobre o autor

Abertura

*Deus é mais belo do que eu
e não é jovem.
Isto sim, é consolo.
Adélia Prado*

*Deus! Clamo no escuro,
Ó Deus, Deus!
Mas não sou eu quem chama
é Ele próprio quem se chama
com minha boca de medo.
Adélia Prado*

*Deus, estou te ouvindo,
mas não sei como pedir licença
para tudo o que vivi.
Carpinejar*

*Deus, não me apagues antes de revisar os
rascunhos.
Carpinejar*

*Não sou deus, Graças a todos
Os deuses!
Sou carne viva e
sal. Posso morrer.
Orides Fontela*

Prefácio

Quando o autor me convidou para escrever este prefácio, eu pensei: por que ele quer uma palavra de abertura? As poesias dele falam por si só. São palavras que fazem bem, que convocam, que chamam a uma vivência corajosa do Evangelho. O Evangelho é vida, se assim não for, então não é mensagem da Palavra Viva, e deixa de ser Boa-Nova.

Poesia precisa alcançar em nós aquele lugar aonde só chegam o que é belo e sagrado, senão não é poesia. A poesia de Roberto Zwetsch alcança esse lugar. Porque o que ele faz é poesia-evangelho ou evangelho-poesia, por isso nos toca a carne, a mente, a alma, o coração.

Para começar a ler o material que ele me entregou num final do feriado de carnaval, na casa de sua mãe, dona Iracy, durante um café com cuca, eu preparei uma xícara de chá e comecei a ler. O meu chá esfriou. Não parei de ler até chegar lá nas últimas palavras onde me deparei com a apresentação feita pelo saudoso professor e pastor Milton Schwantes para os “Salmos para tempos de incerteza”. O Milton é ausência sempre presente e que seja assim por muito e muito tempo.

A poesia de Roberto é apaixonada, litúrgica, faz denúncia, convoca. Há poesias que derramam carinho à Lori, sua companheira, e para pessoas queridas que ele conheceu na jornada da vida. Outras invocam esperança com raízes divinas, essa que é definida como “chama da luta acesa na noite calada”. Ele *esperanceia*. Sua poesia é poesia-esperança.

Mas também fala de democracia, que para ele é “a palavra do outro, escutada e erguida como sinal”; as palavras que escreve se erguem como sinal de vozes que ouviu,

guardou em sua memória e colocou no papel. É poesia-democracia. Por vezes, ela se ergue como lamento e denúncia em meio a momentos de injustiça brutal como o da morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, morto em Brasília por cinco jovens que não merecem nem sequer ser chamados de seres humanos. Uma amiga tem uma frase que faz muito sentido desde que a ouvi pela primeira vez; a frase cabe muito bem diante dessa situação. Ela diz que há seres e seres humanos. Os seres ainda não alcançaram o patamar de humanos. Minha oração é que Deus tenha misericórdia deles – misericórdia é para aquilo que não tem perdão –, porque para nós, seres humanos limitados e frágeis, fica difícil perdoar em certos casos. Nesses momentos, a poesia do autor é poesia-lamento.

Mas há também ocasião para a revolta, como o salmista, e o autor então pergunta: “Até quando, Senhor?”, quando lamenta a morte de um colega que faleceu pela imprudência nas estradas. E como não poderia faltar, há a poesia-lembrança que traz a homenagem a irmãos e irmãs da caminhada ecumênica pela luta por condições dignas de vida no interior da Amazônia, entre ribeirinhos, seringueiros e povos indígenas.

A vida sabe doer. E dói além da conta, muitas vezes por causa de desmandos, pela falta de algo que mate a fome, não só a do estômago, mas também a da alma. Roberto sabe, então, encontrar palavras de consolo, se preciso for, presenteando a gente com versos que põem as palavras do avesso para melhor alcançar o coração que, às vezes, sangra. Sim, aqui temos poesia.

Se você se deu ao trabalho de ler essa apresentação, fica esta convocação: Leia! Compartilhe! Deixe essa poesia entrar em sua casa, em sua vida, comungue com ela.

*Vera Cristina Weissheimer**
Joinville, outono de 2013

* *Vera Cristina Weissheimer* é pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, mestra em Ciências da Religião pela UMESP, de São Bernardo do Campo. Atuou em comunidades luteranas das cidades de Blumenau-SC, Boa Vista-RR, Valinhos-SP e na Paróquia Matriz no centro de São Paulo, onde desenvolveu importante trabalho junto à população de rua da metrópole. Nos últimos anos atuou como capelã do Hospital Oswaldo Cruz em São Paulo, onde integrou a Comissão de Bioética. Atualmente, é pastora da Comunidade Evangélica de Joinville-SC, num projeto de ação diaconal junto a famílias empobrecidas. Publicou o livro *“Eu vi as tuas lágrimas”*. Amparo e consolo no sofrimento. São Leopoldo: Sinodal, 2009, já em 3ª edição, e ainda *Quando a vida dói*. Confiança nos momentos de angústia. São Leopoldo: Sinodal, 2013.



Mindezas 1

Memória

Herança
Passado no fio cortante
Da hora presente

Sinal

Abraço
Semente
De amor

Liberdade

Sorriso
De criança
Feliz

Sentido

Palavra que vem
Que vai
Que cria o novo

Critério

Saber o sim
E o não
Na hora H

Teologia

Espada
De dois
Gumes

Fé

Na cruz
Jesus grita:
"Meu Deus, por que me abandonaste?"

Amor

Pão e vinho
E o beijo
Ardente de paixão

Esperança

A chama da luta
Acesa
Na noite calada

Verdade

Palavra
Que se faz carne
Sangue, suor e lágrima

Presença

A chama de teus olhos
Iluminando
Os meus olhos

Beleza

Mulher
Vivendo
Liberdade

Saudade

Ausência
Que se requer
Presença

Poder

Coerção
Que cerceia
A vida

Outro Poder

Serviço
Que dá a vida
Por amor

Democracia

A palavra do outro
Escutada
E erguida como sinal

Noite

Espaço tempo
Gestando manhãs
Rompendo silêncios

Silêncio

Vida
Que cobra vida
Na terra do sonho

Sonho

Trabalhador
Libertando
Trabalhador

Caminho

Vereda
Aberta
No braço

Do provisório/eterno

A vida

É provisória

Definitivo, só a morte

(depois dela, a ressurreição!)

Miudezas 2

Flor de maio

Flor de maio

Na memória dos dias

A vida florindo amores

Cuidado

No cuidado

O carinho dos olhos

Que enxergam sensibilidades

Dançar a vida

Dançar a vida

De mãos dadas

Com a ternura e a esperança

Persistência

A persistência

Na fala tranquila

O mel da amizade

Busca

A luta

E a busca de sentido

Carinho e fidelidade

Solicitude

Solicitude

A disposição de servir

A troca de amabilidades

Sede

Sede

De viver e construir

Relações de verdade e amor

Escuta

Compromisso

A escuta do outro

Alegria e compaixão

Magia

Curiosa

Magia de enxergar

O que ninguém é capaz de ver

Paz

De Belém

A paz semente

A fraternidade

Inspiração

Na ausência

Inspiração de vivências

Estrela de um céu amigo

Deficiência

Possibilidade

De descobertas

Inéditas

Cantorias

Louvação

*Para Pedro Henrique,
menino lutador*

O Senhor é o meu pastor
Ele me salvará.
Por isso nada me faltará
Nem hoje nem amanhã.

Ele me acolheu nesta vida
Em momento difícil.
Mas sua graça me sustentou
Em todo tempo e por mãos santas.

Ele me fez repousar seguro no seio de minha
mãe
E me lavou em águas tranquilas.
Guiou-me na noite escura
E me entregou à luz do dia com grande amor.

Desde nascido ele me guia
Pelos caminhos da justiça e do amor.
Porque é Deus santo e justo
Não me abandonou nem me deixará jamais.

Ainda que a morte me acosse
E inimigos me venham intimidar
Ele estará sempre ao meu lado
E o mal não me vencerá.

Quando a vida me fizer crescer,
Seu ensino em palavra e gesto
Serão meu guia e minha luz.
Nessa fé caminharei tranquilo.

E mesmo quando as dificuldades
Sobrevierem agudas
Ele estará à minha frente e às minhas costas.
Ele será meu escudo e minha força.

A bondade e o amor do meu Deus
São o meu maior tesouro.
Que mais preciso para viver?
Nessa fé vou construir toda minha vida.

Louvado seja o Deus da Vida!
Ah, louvado seja!

Páginas 33-59 indisponíveis na versão eletrônica



Peregrinações

Perguntas para subir e descer o Morro do Espelho*

*À Escola Superior de Teologia,
de São Leopoldo/RS*

Por aqui já não há caminho? Quem o diz já não está?
Se aqui não há caminho / por acaso onde haverá?

Se subir parece fácil / quem o faz com liberdade?
O que impede que agora / a descer nos arrisquemos?

Se subir é teoria / quem garante que ao descer /
Coisa melhor faremos / do que aqui nem percebemos?

Quem ouviu a Voz do Vento / por entre paredes de
vidro?

Quem abriu os olhos vivazes / na fé que caminha
sempre?

Como alcançar o céu / ignorando o cheiro da terra?
Quem é que a busca orando / se se sobe e não se desce?

E quem desceu já se lembrou / que só desce quem
subiu?

Se subiu já se esqueceu / que a missão é mais embaixo?

Entre subir e descer / o que há que nos motiva?
São bandeiras ou são vida / os desafios dessa lida?

Felizes vocês que
- por minha causa, disse Jesus -
forem injuriados, perseguidos, espinafrados todo
dia, também quando, mentindo, fizerem todo o
mal contra vocês.

Alegrem-se e deem a volta por cima - cantando -
Porque é grande o tesouro, a mina, que vocês
têm guardado no jardim e na praça de Deus.

Porque da mesma forma perseguiram
aos profetas que vieram antes de vocês:
Dom Helder Câmara, Martin Luther King Jr.,
Dietrich Bonhoeffer, Dom Oscar Romero, Santo
Dias da Silva, Margarida Alves, Chico Mendes,
Marçal de Souza Tupã-y, Chicão Xucuru, Sepé
Tiarajú, Vladimir Herzog, Paulo Wright, Rose
Sem Terra, Alexandre Vannuchi
e tantos outros manos e minas.

Vocês são e serão felizes
porque descobriram a novidade da Vida!
Assim seja.

Canção do Araguaia

*Para D. Pedro Casaldáliga
e a gente amiga de São Félix do Araguaia*

Araguaia dos verdes e vermelhos
Mais pujantes que já vi,
Por uma destas ironias
Da vida, eu te conheci.
E quero cantar-te um hino
Que realce o valor de tuas águas
E das gentes que bebem de tuas profundezas.

Quem me recebeu primeiro
Foram os da Prelazia de Pedro,
O bispo peão de trecho,
Poeta, pastor, meu irmão.
Dia importante aquele
De Assembleia do Povo
A decidir os caminhos a trilhar.

Vi um povo de pé no chão
Perseguido e pobre, mas não morto,
Alteando a voz a partir da vida
E do valor descoberto no Evangelho.

Páginas 66-234 indisponíveis na versão eletrônica

Posfácio

Os poemas desta coletânea de Roberto Zwetsch não devem apenas ser lidos; devem, também, ser *saboreados* na sua polpa exterior, e na sua polpa interior.

A simplicidade de vida do poeta, sua corajosa opção pelos indígenas, obrigou-o, em várias ocasiões, a ser mais orante do que falante.

Que elogio mais discreto se poderia fazer a esse poeta?

A poesia de Zwetsch é comparável a uma criada anônima e elegante da Teologia. Ela se apresenta portadora de um vaso de alabastro, em cujo bojo se oculta o Mistério. Este mantém-se à espreita de cada palavra e, sobretudo, de cada silêncio, verdadeiramente vivenciados pelas pessoas, tanto em lábios puros como em lábios impuros.

Em determinados momentos, é visível e audível a expressão literária de seus versos. Por exemplo, **Democracia:** *A palavra de outro / Escutada / E erguida como sinal; ou "Até Quando, Senhor"* (no qual a corda do coração ferido do autor vibra, à semelhança de um violão a chorar num galpão onde à noite só dormem mendigos e cães...).

Sim, caro poeta: anima-nos encontrar em teu livro poemas de Esperança evangélica como *"Páscoa, Travessia"*! Desse poema realço em especial os magníficos versos: *Como o voo esplêndido da garça branca / sob o céu azul da compaixão de Deus.* É uma imagem tocante da ternura divina.

Se alguém desejar descobrir o ideal poético de Roberto Zwetsch, medite sobre os versos que ele se digna oferecer-nos (maçãs apanhadas num pomar nas quais ainda cintila

o orvalho que as cobriu de madrugada):

*Como alcançar o céu / ignorando o cheiro da terra?
Se se cala a Voz do Vento / o que se ouvirá na canção?*

Armindo Trevisan

Sobre o autor

Roberto E. Zwetsch nasceu em Porto Alegre, em agosto de 1952. Estudou teologia na Faculdade de Teologia da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), em São Leopoldo, RS, foi missionário e indigenista na Amazônia, tendo trabalhado mais diretamente com os povos Suruí-*Paíter* de Rondônia e Kulina-*Madihá* do Acre (1978-1988). Fez mestrado em Missiologia em São Paulo na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, à época em que era Reitor o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Leciona Teologia Prática e Missiologia na Escola Superior de Teologia – Faculdades EST, em São Leopoldo, RS, desde 1993, onde concluiu o doutorado em 2007.

Tem escrito e organizado vários livros, além de artigos publicados em revistas especializadas e jornais. Publicou dois livros de poesia: *Madihá – o cheiro da terra* (São Paulo: Paulinas, 1992, ilustrado com fotos de Heiner Heine e outros). Este livro foi publicado primeiramente em versão alemã: *Madihá – Menschen im Amazonaswald* (Kassel/Erlangen: Verlag des GAW – Verlag der Ev.-Luth. Mission, 1988, com fotos de Heiner Heine e tradução de Christoph Jahn). E *Vigília – salmos para tempos de incerteza*. São Leopoldo: Sinodal, 1994 (com xilogravuras de Karin Rosenbaum e apresentação de Milton Schwantes). Publicou também *500 anos de invasão. 500 anos de resistência*, livro organizado e publicado por Edições Paulinas e o CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), em 1992. Seu poema *Yanomami* foi traduzido para o italiano e publicado em “*A barriga morreu!*” *Il genocidio Yanomami*, de Gigi Euse

bi (Torino: Sonda, 1990). Este poema foi reescrito para uma versão musicada por Dorival Ristoff e gravada no CD *Am Rande der Zeit* (segunda faixa), de 2001, divulgado na Alemanha.

Seus últimos livros publicados são: *Missão como compaixão*. Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana (São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008) e *Teologia e prática da missão na perspectiva luterana* (São Leopoldo: Sinodal, 2009).

O autor é casado com Lori Altmann, pai de Pama-lomid (35), Binô Maurirá (29) e avô de Luiza e Gabriel.

